



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

**JEAN CARLO DE OLIVEIRA VIEIRA**

**CONSEQUÊNCIAS ESTÉTICAS DE POLÍTICAS  
MARGINALIZANTES NA CIDADE DE TAGUATINGA**

Jean Carlo De Oliveira Vieira  
Monografia de graduação  
Brasília, Dezembro de 2020



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

## **CONSEQUÊNCIAS ESTÉTICAS DE POLÍTICAS MARGINALIZANTES NA CIDADE DE TAGUATINGA**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção de grau de Licenciatura e Bacharelado em História, sob a orientação de Daniel Faria.

Membros da Banca Examinadora:

Albene Miriam Menezes Klemi

André Pereira Leme Lopes

Daniel Barbosa Andrade de Faria

Defesa oral apresentada em 07 de dezembro de 2020

## **Sumário**

<b>Resumo.....</b>	<b>4</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>Lúcio Costa e sua concepção urbanística em perspectiva às cidades satélites.....</b>	<b>6</b>
<b>Primeiramente sobre estética.....</b>	<b>11</b>
<b>Estética Urbana de Taguatinga.....</b>	<b>12</b>
<b>A estética urbana de Taguatinga de fato.....</b>	<b>14</b>
<b>Estética e Política, o caso do massacre da Pacheco Fernandes.....</b>	<b>19</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>22</b>
<b>Referências.....</b>	<b>23</b>

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é lançar um olhar sobre a construção da cidade de Taguatinga a partir de suas conjecturas antagônicas à cidade de Brasília e as consequências estéticas que delas surgem. Neste contexto entende-se estética não somente como a aparência da cidade, mas como uma categoria mais ampla de análise onde a forma arquitetônica sugere experiências históricas dos que a frequentam e também como as pessoas moldaram e moldam a cidade concomitantemente às suas experiências. Como cidade satélite de Brasília, Taguatinga surge antagonicamente sem o mesmo planejamento do Plano Piloto. Se com toda a sorte de recursos e planejamento a capital foi erguida a duras penas de seus trabalhadores imigrantes, as cidades que os acolheram passaram por ainda mais adversidades. Um olhar sobre a cidade e seu lugar no tempo e espaço tem o potencial de formar identidades e cidadania.

**Palavras Chave:** Taguatinga, estética, memória, invasões

## **Introdução**

Este trabalho tem a intenção de despertar novos olhares sobre a construção das cidades satélites de Brasília. A história dessas cidades sempre está associada ao planejamento de Brasília, o que como tentei mostrar não é o bastante para fazer justiça aos trabalhadores que construíram a capital. A pesquisa foi realizada durante a situação excepcional da pandemia de covid-19. O que afetou o funcionamento de vários estabelecimentos, inclusive a Biblioteca Central da UnB. Resultando em considerável prejuízo à bibliografia.

## Lúcio Costa e sua concepção urbanística em perspectiva às cidades satélites

Em uma carta<sup>1</sup> enviada em 20 de dezembro de 1961 ao então Presidente do Brasil, João Goulart, o arquiteto e um dos idealizadores do projeto da construção de Brasília, Lúcio Costa, tenta impedir em última instância a criação de uma cidade satélite dentro do território da capital em construção. Tratava-se do Núcleo Bandeirante. Lúcio Costa argumenta que o que estava acontecendo era o que desde o início se tentava evitar por ir contra os projetos atuais de arquitetura. Brasília foi construída sob os moldes do que se pensava como mais moderno e com grande atenção para cada detalhe estético cheio de significado como é incansavelmente exaltado. Porém foi deixado de lado um planejamento cuidadoso com a logística de acolhimento dos trabalhadores envolvidos na construção. Pessoas de várias partes do país viam a migração como oportunidade de melhora de vida e sem necessariamente a motivação ou condições para voltar aos seus lugares de origem.

A atitude em relação às cidades satélites fica bem definida pela recomendação de Lúcio Costa em sua carta ao presidente:

A solução, para o caso, é aquela que foi desde o início prevista: a área ocupada a título precário deverá ser gradualmente sangrada, não se fazendo ali benfeitoria alguma e impedindo-se qualquer modalidade de nova de nova “invasão”, para que o próprio interesse leve a população a se transferir, pouco a pouco, para o corpo da Cidade ou para os núcleos satélites periféricos, mediante garantias, inclusive isenção de impostos por determinado período e facilidades bancárias, e isto embora se saiba que, com o tempo e as sucessivas transferências de domínio, já transformou o título honroso de pioneiro e os favores recebidos em mera fonte de especulação.

Destaque para a palavra “sangrada” sublinhada por Costa. O Núcleo Bandeirante foi uma cidade criada para ser provisória e tinha o nome de “Cidade Livre”. Tinha esse nome por serem livres de impostos seus residentes, na grande maioria trabalhadores da construção de Brasília. A Cidade Livre tinha caráter provisório. A proximidade com a cidade de Brasília, de acordo com o próprio Lúcio Costa na mesma carta, ameaçava o planejamento inicial a fim de evitar os “problemas crônicos e insolúveis que afligem as metrópoles”.

---

<sup>1</sup> COSTA, Lucio. [Correspondência]. Destinatário: João Goulart. Rio de Janeiro, 20 dez.1961. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/brasil/brasil/arquivos>. Acesso em: 10 mar. 2020

Esses problemas são essencialmente de caráter estético<sup>2</sup>. Com a preocupação em construir uma cidade idealizada, os fatores sociais e a realidade econômica do país como variáveis de influência foram ignoradas.

Lucio Costa havia previsto a criação de cidades satélites, mas não tão perto da região da capital. Por isso era fundamental que a Cidade Livre fosse provisória. Claro que os trabalhadores instalados na região não simpatizavam com a ideia. Afinal voltar para as atividades agrícolas com todos os riscos das intempéries da atividade, como gostaria o urbanista, não seria tão atraente como viver em uma cidade que a cada dia se expandia mais, com a próxima grande capital em construção com todos os recursos que ela atraía.

Na primeira edição de janeiro de 1960 do *Correio Braziliense* a manchete "Núcleo Bandeirante nasceu com Brasília: mas vai morrer"<sup>3</sup> nos mostra a intenção real de dar fim à cidade. No entanto a própria matéria indica a força da cidade que iria resistir às pressões:

Inúmeros municípios do País, muitos centenários não atingiram ainda o desenvolvimento que o Núcleo Bandeirante de Brasília, também chamado de Cidade Livre, alcançou em menos de um ano. Autêntica cidade, nascida da noite para o dia, com população e atividades bem maiores do que algumas capitais nordestinas, o Núcleo Bandeirante apesar de seu intenso e constante movimento é uma cidade que desaparecerá dentro de pouco tempo.

O que não falta nas edições do *Correio Braziliense* de 1960 a 1961 são textos com posicionamentos contra uma possível fixação do Núcleo Bandeirante e uma urbanização legítima. Como um de título "Efemeridade"<sup>4</sup> onde o autor chama os moradores de comodatários, diz que a cidade será facilmente dissolvida quando não tiver mais sua função de abastecimento de Brasília e que futuramente não passaria de uma atração turística. Essas reportagens aparecem persistentemente com teor bem parecido: A cidade não estava nos planos de Lúcio Costa, é uma aberração, é feia, e qualquer iniciativa de urbanização por parte de políticos não passava de demagogia eleitoral. Interessante notar a animosidade das críticas em relação à cidade "provisória". A idealização da cidade de Brasília como uma bela cidade

---

<sup>2</sup> Estética aqui como uma categoria ampla que será melhor abordada em capítulo à frente.

<sup>3</sup> Núcleo Bandeirante nasceu com Brasília: mas vai morrer. **Correio Brasiliense**, Brasília, 1 jan 1960. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_01&pagfis=64](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_01&pagfis=64) Acessado em: 25 nov 2020

<sup>4</sup> Efemeridade. **Correio Brasiliense**, Brasília, 13 nov 1960. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_01&pagfis=2226](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_01&pagfis=2226) Acessado em: 25 nov 2020

moderna livre de qualquer aparência de pobreza e mau planejamento era plenamente expressada no jornal. Talvez a matéria que melhor represente essa aversão ao Núcleo Bandeirante e também a outras ocupações que não foram planejadas aparece com o título de “Não está só”<sup>5</sup> e o autor demonstra uma excepcional aversão:

Se for efetivamente vencida a batalha de extirpação daquele “cancro” que é a Vila Planalto, há logo a seguir, outra luta em perspectiva -- o Núcleo Bandeirante. Não faz parte do Plano Piloto, não existe possibilidade de urbanização, não tem condições de vida e permanece hoje como sempre foi - um monstro a enfeitar o Plano Piloto de Lúcio Costa. O Congresso, num momento de irreflexão e de demagogia mandou urbanizar aquela área. A demagogia do Sr. Ivo de Magalhães fez colocar postes de iluminação e iniciou um arremedo de urbanização. E só. O grande erro poderá ser agora corrigido. E não será sem tempo.

Escrita em 1964 o autor ignorou o fato de que em 1961 a lei 4.020 já transformava o Núcleo Bandeirante em cidade satélite de fato, vetando a transferência da cidade para outro lugar (como era o planejado) e inclusive destinando um crédito de Cr.200.000.000,00 (duzentos milhões de cruzeiros) para despesas de instalações nas cidade. Mas também, escrevendo neste tom três anos após o sancionamento da lei denuncia um atraso e uma resistência a aceitar a cidade.

Em 1961 o Correio Braziliense inicia uma coluna intitulada "Notícias da Cidade livre" dedicada a problemas da cidade que “vem lutando apaixonadamente pela sua permanência”<sup>6</sup>. Com muita luta dos moradores pela permanência e resistência por várias partes contra, o fato é que a cidade permaneceu. O ponto aqui é como as cidades satélites eram vistas no início de Brasília.

A história da cidade de Taguatinga surge ligada a da Cidade Livre em 1958 no dia 28 de maio quando, de acordo com Juscelino Kubitschek no seu livro *Por que construí Brasília* (2000) : “Cerca de 5 mil flagelados, tangidos pela seca do Nordeste, chegaram a Brasília e invadiram a Cidade Livre”. A ocupação recebeu o nome de Vila Sarah Kubitschek, informação que Kubitschek por algum motivo não achou importante mencionar, mas que o pioneiro Alberto Bahouth Júnior faz questão de frisar em *Taguatinga Pioneiros e Precursores* (Júnior, 1978). Foi assim batizada para homenagear a primeira dama e

---

<sup>5</sup> Não está só. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 mai 1964. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_01&pagfis=14514](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_01&pagfis=14514), Acessado 25 nov 2020

<sup>6</sup>Fixação e Urbanização. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 mar 1961. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_01&pagfis=3452](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_01&pagfis=3452), Acessado 25 nov 2020



sensibilizar as autoridades, principalmente o chefe de guarda rural 'Dr'.Ferreira, "que, sempre alcoolizado e armado de um revólver 45, exigia que os barracos fossem desmanchados, cometendo, além, do mais numerosas prisões arbitrárias".

As duas narrativas contam a mesma história por lados antagônicos e Bahouth não menciona os pioneiros como flagelados fugidos do Nordeste, mas menciona um parlamentar mineiro, Israel Pinheiro, que convocou os moradores da Cidade Livre a chamar seus parentes para fazerem parte da história da grande construção, antes que a Cidade Livre fosse derrubada por tratores em 21 de Abril. Bahouth compara a migração com o "Eldorado" que motivou a ocupação do Oeste estadunidense com a diferença que os que foram para a Cidade Livre chegavam em caminhões e não em carroças, o que fez ser muito mais rápido.

A Vila Sarah Kubitschek ficava próxima à Cidade Livre na estrada Brasília-Anápolis e os "invasores", como eram chamados pelo presidente ou "pioneiros" como eles mesmos se chamariam, foram convencidos a se mudar para a região de Taguatinga.

Taguatinga ao contrário da Cidade Livre já estava prevista. No dia

18 de maio daquele ano a revista *Brasília*<sup>7</sup>, que servia como periódico informativo sobre a construção da capital informou:

...o Senhor Presidente submeteu ao Conselho o plano geral de loteamento e urbanização da Cidade Satélite, localizada em Taguatinga, Brasília, bem como as condições e preços de venda de terrenos ali situados, constantes da tabela "S nº. 1", que será publicada no Diário Oficial da União. O Conselho aprovou o plano e as condições de venda. Aprovou, igualmente, o Conselho, o Regulamento de Obras para a referida área e constante do respectivo processo. Finalmente autorizou o Conselho à Diretoria a reservar uma área de quinze hectares, destinada à localização de pequenas indústrias artesanais e atividades auxiliares.

Preocupados com o "problema" no Núcleo Bandeirante piorar, o presidente e a NOVACAP em reunião com os líderes dos migrantes os convenceram a se mudar para aquela região. O que não foi nada fácil pois ainda não existia nada lá. Bahouth diz sobre este momento:

A mudança, então, teve início. No terceiro dia caiu em Taguatinga uma chuva de granizo e o mato e alguns barracos que já estavam sendo levantados ficaram brancos de gelo. Foi um frio tremendo, como grande foi a desilusão. Alguns voltaram para a Cidade Livre e somente os fortes resistiram. E foram realmente os primeiros habitantes. Lembro-me do que pensei, àquela época. - 'Taguatinga foi criada e habitada por destemidos'. Pois não foi fácil aguentar aquele frio tremendo, sem água, sem luz, sem condições. E, assim, foi nascendo Taguatinga e sua fama crescendo...

---

<sup>7</sup>Boletim, **Brasília**, v.2, n. 19, p. 23, jun 1958. Disponível em: <http://www.arpdf.df.gov.br/revista-brasilia/>, acessado em: 25 nov 2020.

Assim, Taguatinga estava nos planos de ser uma cidade satélite. Porém, as coisas não saíram como planejado e ao invés de vendidos, os lotes foram dados para aquela gente que chegava de outros estados em busca de oportunidades. As cidades satélites já surgiam e sempre com os estigmas de improvisadas e feias que estragavam a bela cidade planejada por Lúcio Costa. No planejamento de Brasília houve uma preocupação por parte do próprio urbanista com a estratificação social. Não passou pela cabeça dele que o problema seria bem mais grave e envolveria camadas populares muito mais humildes e longe de poderem adquirir um lugar nas novas superquadras. Costa (1991, p32):

No outro lado do eixo rodoviário- residencial, as quadras à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente<sup>8</sup>; contudo, o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação.

Dentro da perspectiva de Lúcio Costa uma estratificação social só era indesejável dentro do que lhe foi planejado. Ainda no mesmo texto continua:

E seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos tem direito. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, do maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau e requinte do acabamento. Neste sentido deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.

Quem seria a totalidade da população que Costa diz caber a Companhia Urbanizadora prover acomodações? Quem seria essa Companhia Urbanizadora e será que ele tinha uma boa dimensão de quem seriam todas as pessoas com direito a conforto social? Certamente os pioneiros das cidades satélites não tiveram conforto em suas lutas diárias. O mínimo que podemos concluir é que Costa não tinha uma ideia clara do que o plano tão ambicioso da criação da capital significava. Provavelmente na época ninguém poderia prever o impacto de uma construção de dimensões tão grandes como foi erguer uma capital do nada.

A Cidade Livre não foi dissolvida, Taguatinga foi a primeira cidade satélite de Brasília oficialmente e foi apenas o começo de uma série de ocupações que não serão aprofundadas neste trabalho, mas o movimento de ocupação das regiões da periferia da capital não pararam até hoje. Além de Samambaia, Ceilândia, Riacho Fundo entre outras que já estão urbanizadas

---

<sup>8</sup> Aqui ele se refere ao capitalismo.

e regularizadas ou em processo para isso, também existe em plena expansão o Sol Nascente com uma história de marginalização similar.

Taguatinga também não foi inaugurada com seu território atual. Ocupações que foram anexadas com o tempo com muita resistência dos pioneiros e sem planejamento de um urbanista compuseram a estética da cidade. Foram o caso da Vila Dimas e Vila Matias que carregam no nome a visão dos moradores de como o espaço deveria ser ocupado. Visão bem distante da visão moderna de urbanização do Lúcio Costa.

Kubistchek (2000) encara as ocupações das cidades satélites como uma parte fundamental e prevista da construção de Brasília de maneira bem otimista. Claro, o livro tem um tom retórico de quem quer exaltar sua proeza e ao mesmo tempo se defender e justificar. Que sentido faria criticar as cidades depois de consolidadas. Mas o que Lúcio Costa em carta no prefácio (p.10) para o seu livro diz parece muito sóbrio:

Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha.

Assim, como ele mesmo diz “foi uma bastilha”, “tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles”, essa tomada do espaço ao invés de uma planejamento urbanístico criou uma estética própria na cidade. Frutos de muita resistência, vários espaços criaram e criam a experiência urbana. Este trabalho vai neste sentido de indicar análises de como esses espaços surgiram e como a estética neste sentido mais amplo cria identidades e memórias que continuam a moldar a estética urbana da cidade de Taguatinga.

## **Estética Urbana de Taguatinga**

### **Primeiramente sobre estética**

Da palavra grega *aisthesis*, que significa percepção, sensação, sensibilidade<sup>9</sup>, Estética se apresenta como uma ampla categoria da filosofia que de acordo com Jacques Maritain “quanto a essas questões de terminologia, adota-se a que se deseja”(apud Suassuna, 2013 p,15).

A estética da arquitetura traz um problema que não acompanha boa parte das artes. Tem um viés prático, utilitário (ibidem 2013 p.152).

A primeira característica a salientar na Arquitetura talvez seja a de que, de todas as Belas Artes, ela é a mais aproximada das Artes úteis, ou mecânicas. Na verdade, a Arquitetura, além de procurar, como as outras Artes, a criação da Beleza, possui sempre um objetivo de destinação prática e depende, mais do que qualquer outra, de condições alheias à vontade livre do artista, pois a obra a fazer, o prédio a construir, deverá servir de moradia, de templo, de casa comercial, de fábrica etc., de modo que, nela, até as condições sociais da comunidade interferem, de maneira mais direta e forte, no trabalho de criação.

O historiador Lewis Mumford ajudou a ampliar as reflexões sobre a historicidade das cidades, seus aspectos sociais e urbanísticos. A arquitetura e a estética não só como características artísticas. Mumford humanista e progressista tentava encontrar soluções para uma vida melhor em sociedade e buscava fazer isso com interpretações generalistas (Lenzi 2015 pg.27). Acreditava que analisando, com um rigor indispensável, as mais remotas ações humanas pode-se conferir sentido às experiências. Talvez a maior importância do seu trabalho surge de sua multidisciplinariedade, interessado em fazer suas análises por várias

---

<sup>9</sup>ESTÉTICA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Est%C3%A9tica&oldid=59407935>>. Acesso em: 21 set. 2020.

vias de interpretação; filosofia, arte, sociologia, literatura, arquitetura, urbanismo... Mumford teve a preocupação de pensar a cidade em uma perspectiva histórica da ocupação dos espaços e pensando em como suas funções podem se transformar.

...creio que a cidade terá, no futuro, um papel ainda mais significativo a desempenhar do que o papel que lhe coube no passado, desde que façamos desaparecer as desvantagens originais que a vêm acompanhado através da História.

Mumford abriu possibilidades de análises mais amplas das cidades para autores como Patricia Ines María Mariñelarena. Arquiteta e doutora na Faculdade de Belas Artes da Universidade de La Plata:

A poco que fui explorando la evolución (o variación) del concepto de “Estética”, encontré que bajo esta expresión se daba respuesta a una serie de inquietudes que fueron quedando latentes a lo largo de mi carrera: en la planificación urbana siempre me faltó una lectura más allá de la configuración, la organización y los procesos; faltaba algo que cualificaba la apropiación del territorio en el espacio y en el tiempo. En la ponderación del patrimonio urbano, me quedaba tácito un valor, desde las variadas dimensiones del patrimonio cultural, que podría responder a la primera inquietud.

La historia, como construcción social, y las huellas de esos cambios sociales, que quedaron plasmadas en el territorio y en el imaginario, nos enfrentan a un futuro que no es deseado, o al menos, no es el prometido por las utopías de la gesta fundacional.

De la mano de Seminario del Doctorado en Arte de la Facultad de Bellas Artes, fui abriendo mi universo epistemológico, desarraigando los problemas urbanísticos en la composición de la memoria, el arte y los significados, que definen de manera más acertada el concepto de estética urbana...

Então, assim como Mariñelarena buscou ampliar seu conceito de estética urbana na cidade de La Plata este trabalho busca lançar um olhar para a cidade de Taguatinga onde a ocupação do espaço se apresenta como um conjunto de aspectos sociais, políticos, econômicos, enfim históricos, onde a estética da cidade foi desenvolvida. A estética aqui não apenas como aparência, mas como se sente a cidade, e como o se sentir na cidade tem um efeito dialético entre o cidadão que a sente e a vive e ao mesmo tempo ajuda a construir a cidade ininterruptamente. As pessoas que simplesmente caminham pela cidade ajudam a construir sua estética. E como andam pela cidade é também resultado das suas estruturas, do transporte público, da composição das ruas, da localização dos comércios e etc.

A categoria de estética urbana como sugere Mariñelarena tem o potencial de nos dar uma consciência histórica da cidade que vai além das representações comumente conhecidas. Observando a cidade dentro de um conceito em que se define historicamente a ocupação dos espaços, é possível que se enriqueçam os valores de cidadania.

## **A estética urbana de Taguatinga de fato**

Diferentemente do Plano Piloto, Taguatinga não teve um planejamento que se preocupasse com cada detalhe da ocupação de seu território. Na verdade, nem seu território foi detalhadamente planejado. A cidade foi sendo construída no ritmo da resistência que seus pioneiros alcançavam. Então, espaços como Vila Dimas e Vila Matias que foram ocupações estigmatizadas por muito tempo como invasões e levantadas de improviso pelos seus moradores criaram sua própria estética, bem distante do modernismo da moda contemporânea de Lucio Costa. A própria formação por vila mostra como os fundadores acreditavam que os barracos da época deviam ser organizados. Em forma de vilas, esses trechos das cidades ao lado das quadras que foram loteadas posteriormente em linhas retas e longas como fronteiras artificiais, causam uma nítida assimetria na cidade. As vilas guardam um tom bucólico com dimensões humanas, ao contrário das quadras que parecem um desolador dormitório gigante. Raimundo Matias, o fundador da Vila Matias, foi um dos sobreviventes do massacre na “Pacheco Fernandes” e talvez por isso tenha decidido sair em busca de outro lugar para viver e iniciar uma invasão. “A idéia surgiu na véspera do Natal de 1959. E. no dia 4 de janeiro teve início a maior invasão de terras ocorrida em Brasília.”(Bahouth, 1978 pg.105). Este massacre diz muito sobre as situações da construção de Brasília e será mencionado posteriormente.

A ocupação da Vila Matias foi uma dura resistência. Os barracos eram construídos de dia e erguidos durante a noite.

“No dia 16 eu era preso pela primeira vez e levado pela Guarda Especial de Brasília para explicar. Mas explicar o quê”, lembra Matias. - “Explicar que eu e aquela gente toda queria morar ali?” Depois dessa ele foi preso mais doze vezes.

Que não queriam aquela gente lá era evidente. A área destinada inicialmente não suportava mais a demanda e essas partes invadidas resistiram e serviram de exemplo para outras ocupações. No início a repressão, depois de muita resistência era reconhecida e mais um trecho era ocupado. Somente em 1961 a vila Matias era oficializada e em 1960 de maneira semelhante surge a Vila Dimas mais ao Sul. Esse modelo de resistência e depois aceitação resume boa parte das áreas ocupadas na periferia de Brasília. Assim como a Cidade Livre resistiu e se consolidou pela força da persistência dos pioneiros, várias outras regiões conseguiram se manter. E isso continua a acontecer agora mesmo na região do Sol Nascente.

Se por um lado é bom no fim quando as pessoas conseguem seu direito à moradia, por outro o processo até serem aceitos é na maioria das vezes muito penoso ao ponto de ser desumano. Não é novidade a situação que os pioneiros sofreram, sem água, comida, instalações adequadas...

Nesse processo de resistência até a aceitação da estética da cidade é criada. E não por um arquiteto ou urbanista que planeja os detalhes de cada espaço, mas pelas condições que eram viáveis da gente que ali ocupava. Depois de aceitos, o governo não iria planejar do zero algo novo. Os espaços eram melhorados com medidas paliativas e precárias no limite entre ser funcional ou não. “Em Taguatinga, ao inverso, tudo foi feito às avessas, adaptando-se o que seria construído àquilo que já existe.” (Bahouth p.85).

Um exemplo da falta de planejamento de Taguatinga, a caixa d'água responsável pelo abastecimento no começo da cidade, foi digna de título de um capítulo do livro de Bahouth: “A caixa d'água marcou a cidade como um símbolo de inutilidade”. Em primeiro lugar a caixa d'água não funcionou por muito tempo. No plano original ela seria no subsolo, mas, depois de já escavado o enorme buraco para tal, ficou evidente que a altura não era o bastante para abastecer as residências. Então, a palavra de ordem virou altura, construindo uma monstruosidade de grande prejuízo estético bem na entrada da cidade. Quem chegava logo avistava a estrutura improvisada. A Vila Matias que no momento, 1959, ficava no extremo da cidade só recebia água quando a caixa se encontrava com sua capacidade máxima. E não durou muito tempo um erro de cálculo ou uma infiltração causada pelo buraco onde inicialmente causou uma perigosa inclinação que se acentuou rapidamente causando sua desativação. Para o desgosto de Bahouth na data de publicação do seu livro, 1978, a caixa ainda se encontrava no local totalmente obsoleta. Só seria retirada seis anos depois.<sup>10</sup>

A questão da água foi provavelmente um dos principais problemas enfrentados pelos pioneiros. Venda de água em galões em carros pipa, burocracia para instalações transformadas em comércio, outras caixas de água que não funcionavam e até um episódio de uma próspera distribuidora de bebidas da Vila Dimas que se tornou uma fábrica de

---

<sup>10</sup> HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. **A caixa d'água de Taguatinga foi construída em 1659 para abastecer a cidade que nascia antes mesmo da inauguração de Brasília.** Brasília, 30 dez. 2015. Facebook: historiasbsb. Disponível em: <https://www.facebook.com/historiasdebsb/photos/2015-12-30-a-caixa-d'%C3%A1gua-de-taguatinga/517890951726353/>, Acesso em: 25 nov 2020.

refrigerantes acusada de roubar água e obrigada a abrir poços próprios fazem parte desta história.

Quando finalmente chegou a solução para o problema o preço foi alto para os moradores. Com a falta de planejamento as exigências para fazer as instalações tiveram um preço alto. Sobrava material enquanto as pessoas tentavam pôr a documentação em dia e logo surgiu os “desenhistas de plantas” que se aproveitam como podiam para ganhar mais dinheiro. E mesmo em 1978, quando de acordo com Bahouth, a população taguatinguense chegava a 400 mil ainda enfrentavam regiões problemas de abastecimento.

Luz elétrica também não foi uma conquista fácil.

Os tempos eram mesmo difíceis, e nada surgia ou acontecia graciosamente. Principalmente quando se tratava de beneficiar uma população simples como aquela da Vila Matias. E somente se obtinha benefício à custa de muita luta, suor, noites insones. Foi exatamente o que aconteceu com a energia elétrica<sup>11</sup>.

Inicialmente a energia da Vila Dimas era “roubada”<sup>12</sup> através de ligações clandestinas que logo foram retaliadas com ameaças de prisão. O problema foi resolvido com a visita do prefeito Plínio Cantanhede que viu a situação e que deu a ordem ao Departamento de Força e Luz que fizesse em caráter de urgência a instalação da energia na vila. Ainda viviam em condições de muito barro e em barracões. Dá pra ter uma ideia da situação de desconforto e falta de segurança que viviam sem a luz.

Assim como a água que no início só chegava na Vila Dimas com a caixa d’água completamente cheia, por estar no extremo da cidade, a energia não era diferente e chegava já fraca. Aqui a marginalização é ainda mais evidente. Diferentemente da água que tinha sua fonte na própria cidade, a energia vinha da mesma fonte de Brasília. No próprio plano piloto a energia tinha suas prioridades como o Setor Militar e a Praça do Três Poderes. A energia sendo instável e tendo uma hora de aumento de consumo a partir das 19 horas " 'alguém' tinha que ficar sem luz e esse alguém, na escala de prioridade decrescente, era Taguatinga.(Bahouth 1978 pg.155).

Bahouth comenta alguns pontos que eu mesmo como morador de Taguatinga já havia sentido, antes mesmo de atentar para qualquer ponto sobre urbanismo, história ou estética. O que pode dizer algo sobre como tem algo em comum sobre estética para as pessoas. Mesmo

---

<sup>11</sup> Bahouth 1978 p.154

<sup>12</sup> Aqui aspas do próprio Bahouth



que esse sentido estético venha de referências que criamos ao conhecermos outras cidades. Um desses pontos é a agência do Banco do Brasil que Bahouth chama de anomalia, distorção de vulto e exemplo de imposição “que acabaram sendo naturalmente oficializadas”.

A agência do Banco do Brasil foi a exceção, construída em área determinada desde 1936? e dentro do planejamento. Mas não atendendo plenamente ao que fora previsto, já que o alinhamento do prédio tomou por base o “grady” da Avenida Comercial, ficando completamente fora do plano geral da área, com prejuízos sensíveis à estética e um desnível bastante acentuado com referências às demais construções.

Esse trecho da avenida comercial sempre me causou um estranhamento que agora faz algum sentido para mim. Como também o setor de oficinas que agora se encontra junto a várias concessionárias no Pistão Sul que é adjacente ao seu local de origem que se queixa Bahouth. Bem na entrada da cidade, no centro, o setor de oficinas não é o ideal de boas vindas para nenhuma cidade. As oficinas vieram da Cidade Livre quando ainda tentavam removê-la por completo. O prefeito da época, Paulo de Tarso, prometeu lugar privilegiado em Taguatinga se saíssem de lá. Atualmente caminhar pelo pistão sul é praticamente impossível devido à quantidade de carros para venda ou reparos nas calçadas. Sem uma calçada própria para os pedestres o caminho além de desagradável é perigoso. Então, além de uma enorme caixa d’água, a entrada de Taguatinga se compunha também de várias oficinas. Que urbanista planejaría algo do tipo?

Dessa forma Taguatinga foi sendo construída sempre aos improvisos por demandas populares. Vários líderes populares apareceram para lutar pelos interesses da cidade. Um deles representou isso para Bahouth.

Espanhol de nascimento, natural de uma cidadezinha denominada Soncillo, o padre Francisco chegou a Taguatinga em janeiro deessa data está certa?, procede de Belo Horizonte, onde, como vigário da Paróquia de Lourdes, conseguiria ver sua Igreja elevada à condição de Basílica.

Padre Francisco lutava contra a construção da rodoviária bem no centro da cidade onde era a Praça da Municipalidade, atualmente a Praça do Relógio. No local onde também ficava sua igreja e onde também funciona a primeira Escola Dominical do DF era o lugar onde mais circulavam pessoas, e talvez ainda seja, hoje em dia também é onde se encontra uma das principais estações do metrô. Sendo assim uma rodoviária além de comprometer mais a estética do lugar ainda trazia perigo para as pessoas. Inconformado com a situação, em uma das vezes que foi se queixar na prefeitura acabou sendo agredido com um golpe no rosto, mas

isso não o abalou e o padre dedicou todo seu tempo a "impedir a concretização 'daquele monstro na sala de visitas da cidade' ". Chegando ao extremo apelou ao Presidente da República, Castello Branco, em um telegrama de seis páginas datilografadas. Ele mesmo fazia questão de dizer que não estava só e amigos como o ex-subprefeito de Taguatinga e então coordenador das cidades-satélites apoiava a campanha. Por fim Padre Francisco conseguiu evitar a construção da rodoviária no centro da cidade mas como represália construíram no lugar a Administração Regional, separando a igreja da praça.

Esses exemplos mostram como a cidade se ergueu não por um planejamento mas por uma série de demandas e conflitos ao longo do tempo.

É importante notar a diferença das histórias das cidades satélites pois geralmente, como observou David Harvey, o senso comum predominante é de que o Estado trabalha para o comum;

Grande parte da corrupção que assola a política urbana relaciona-se ao modo como os investimentos públicos são alocados para produzir algo que se assemelhe a comum, mas que promove ganhos em valores patrimoniais privados de proprietários privilegiados de bens imóveis.

Juscelino Kubitschek se aproveitou muito bem disso e a demagogia política não é nenhuma novidade. Mas o mais grave é como as pessoas perpetuam essa ideia em suas representações e identidades. Como fazem os taguatinguenses ao construírem sua memória como se fosse a mesma de Brasília e Lúcio Costa, Niemeyer, Kubitschek e companhia fossem seus heróis. No próprio livro de Bahouth que trata especificamente sobre os pioneiros de Taguatinga, acaba-se por exaltar estas figuras e conseqüentemente suas visões. Visão que minimiza, se não apaga, o protagonismo de quem lutou para ter seu lugar. Bahouth mesmo escrevendo um livro sobre o lado dos pioneiros compartilha do mesmo discurso que se perpetua até hoje de que qualquer um que defende as tais “invasões” estão sendo “falsos sentimentalistas”. No decorrer da minha pesquisa e até em conversas com quem trata desse assunto ouvi isso. Bahouth sobre as “invasões”, que curiosamente ele também coloca entre aspas:

A solução é generosa, o gesto nobre, mas, de qualquer forma, é contraproducente e contraditório, já que atitudes desse tipo acabam incentivando o surgimento de novas invasões<sup>13</sup>.

Deixando de lado o falso sentimentalismo, deve-se considerar o seguinte: o atual beneficiado apressasse em mandar umas “mal traçadas linhas” para o companheiro que ainda permanece no sertão agreste, convencendo-o a vir também para a Capital, quase um paraíso para quem

---

<sup>13</sup> Aqui sem aspas como está no original. Às vezes com outras não. Sem nenhuma explicação.

não tinha nada. E o argumento final é decisivo: "não vê o meu caso?" Aí começa toda a história.

Uso “invasões” com aspas por não concordar com essa perspectiva e Bahouth como autor parece se confundir com ela. Por um lado defende e exalta a resistência dos pioneiros de Taguatinga e por outro os chama de invasores, dando a entender um desconforto sobre sua condição. Isso leva a uma questão sobre as origens da propriedade privada no Brasil que não pretendo adentrar. Mas é certo que essa discussão sobre quem tem direito à terra dispõe de ampla bibliografia e também existe nas discussões populares.

### **Estética e Política, o caso do massacre da Pacheco Fernandes**

No documentário "Conterrâneos Velhos de Guerra" de Vladimir Carvalho os pioneiros ganham voz sobre a construção de Brasília e as conseqüentes cidades satélites. Mostrando os motivos e vantagens da imigração, mas também o lado sombrio que, como um dos pioneiros diz, revela “o lado da escravatura”. Os imigrantes, trabalhadores ou não, não eram tratados como iguais de forma alguma. Denúncias de mortes nas obras, corpos escondidos e principalmente o provável maior dos atentados às vidas daquela gente, o “Massacre da Pacheco Fernandes”.

O massacre aconteceu devido a uma reclamação sobre a qualidade da comida (que de acordo com sobreviventes do episódio era servida com condições precárias de higiene, encontrando esparadrapos e baratas, por exemplo), falta de água, atraso de pagamento e recusa de trabalhadores de serem presos por isso. Depois de não conseguirem prender os dois trabalhadores que iniciaram o protesto voltaram com um caminhão cheio de policiais da GEB (Guarda Especial de Brasília) escondidos abaixados na caçamba. Naturalmente os trabalhadores se os vissem fugiriam do local. O que mostra o tom de emboscada quando saíram de surpresa e metralharam os trabalhadores em seus abrigos. De acordo com testemunhas que trabalhavam para a Pacheco Fernandes e estavam presentes no ocorrido, os corpos que esperavam ver no outro dia haviam sumido. Nenhum sepultamento aconteceu. Ocultar corpos era *modus operandi nas obras*. Não pegaria bem notícias de que os operários morriam nas obras da bela cidade capital que estava sendo construída. Assim como os mortos das obras, as vítimas do massacre foram vistas sendo levadas para serem enterradas em

algum buraco qualquer, no meio do deserto que era a região. Dona Suzana, lavadeira, conta como as roupas de trabalhadores mortos ficaram com ela. Grávida quando foi entregar as roupas e impedida por policiais que estavam no local ainda diz "estava esperando esse meu filho que era o Aroldo, que foi matado aqui também na Pacheco". Ou seja, ela estava falando de um outro evento futuro e simplesmente nem ela e nem a narrativa do documentário retornaram a isso. É certo no meio disso tudo que o evento do massacre pode ter sido o pior, mas certamente não o único envolvendo violência contra os pioneiros a ser desacreditado ou deliberadamente ocultado.

Muito controversa a história sobre o episódio, os números de mortes variam bastante. Mas para os trabalhadores que testemunharam fica claro que não foram poucas. O número 40 parece representar uma média, mas 500 também é citado algumas vezes. Enquanto responsáveis pela segurança e pela construção negam e minimizam ao máximo. No documentário de Carvalho um, aparentemente, policial<sup>14</sup> nega que houve qualquer execução e se refere ao evento como uma festa onde teve muita bebedeira com confusão entre os trabalhadores, que com a intervenção da polícia acabou naturalmente com alguns feridos e "parece um morto". Osta quando perguntado sobre o evento minimiza a gravidade dizendo que "candando romantiza", "quando vai analisar historicamente vê que é uma coisa limitada", "comparado a construção de Brasília é uma coisa limitada" e "se houve foi uma coisa sem importância, sem motivo para dramatizar". Ainda diz que se soubesse na época "não teria dado nenhuma importância". Perguntado sobre todas as pessoas que falam sobre, porque qualquer taxista ou candango conhece a história diz que "se trata de uma gente sem importância". Niemeyer não responde em tom muito diferente. Negou que conhecesse o fato até o momento que foi perguntado sobre, demonstra muito desconforto assumindo uma posição defensiva ameaçando parar a entrevista, que não pode falar sobre algo que não conhece. Convenhamos que a chance de realmente não saber não soa razoável. Mas chega a dizer "tão matando tanta gente qual importância".

O documentário mostra a batalha política entre as partes e faz jus a referência a guerra no título. Por um lado, alguns tentam negar o fato das mortes e quando não se faz o bastante diminuem o valor das vidas perdidas. Por serem pessoas pobres, trabalhadores simples.

---

<sup>14</sup> Infelizmente no documentário não tem a identificação dos entrevistados. É muito frustrante, principalmente devido ao tom do trabalho, não poder identificar os pioneiros.

Jacques Ranciere na expressão "partilha do sensível" no livro *Estética e Política A Partilha do Sensível* define:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte no fato de governar e ser governado. Mas uma outra forma de partilha precede esse tomar parte: aquela que determina os que tomam parte.

Dessa forma, usando a categoria de Ranciere, podemos observar como uma partilha do sensível no Massacre da Pacheco Fernandes cria uma experiência comum partilhada por duas partes, de um lado pioneiros e as cidades satélites e de outro a classe dominante em Brasília com interesses antagônicos evidenciados por suas partes exclusivas. O que pode nos lançar uma luz sobre a estética do Distrito Federal que habitualmente é generalizada com o Plano Piloto. Para Lúcio Costa e Niemeyer definitivamente não era interessante partilhar da experiência traumática do massacre devido ao óbvio prejuízo na representação que suas imagens carregam. Afinal os seus legados são da construção de uma das cidades mais modernas do mundo. Condição análoga à escravidão, assassinatos e toda a sorte de violação de direitos certamente não combinam com um legado desses. O que pode ajudar a entender o porquê das persistentes acusações sobre os pioneiros romantizarem os problemas do início das cidades.

De acordo com Ranciere algo precede a partilha de tomar parte. Para os trabalhadores na construção de Brasília o massacre foi fundamental para a criação de um sindicato. O modo como foram tratados não deixou dúvida de que eles não estavam compartilhando do comum de seus empregadores. Neste sentido a experiência do comum pode ser entendida como experiência política. A possibilidade de participar ou não. Como diz Ranciere:

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela "ocupação" define competências ou incompetências para o comum.

Para o filósofo é esta estética que está na base da política. E nesse ponto convém lembrar Niemeyer falando que quem falava do massacre era gente sem importância. Suas ocupações e posições sociais desqualifica suas falas. Os aliena do tomar parte.

## **Considerações Finais**

Essa estética política carrega um problema que acaba por moldar a composição das cidades e suas identidades. Taguatinga sempre ficando à margem e sistematicamente buscando fugir do estigma de invasão conseguiu seu lugar ao sol, mas guarda as marcas do seu desenvolvimento na arquitetura improvisada. Diferentemente do Plano Piloto que conta com seus monumentos tombados a fim de garantir a memória de sua construção, Taguatinga tende a deixar a sua memória sempre associada a Brasília como se compartilhassem da mesma estética arquitetônica e política. Buscar construir uma memória de Taguatinga faz-se necessário a fim de também construir identidades que tomem parte dos interesses dos próprios cidadãos. Uma cidade tão nova e improvisada é claro que conta com vários problemas que demandam suas próprias questões.

## Referências:

BAHOOUTH, Alberto Júnior. **Taguatinga Pioneiros e precursores**. Brasília: Editora H.P.Mendes, 1978.

CONTERRÂNEOS velhos de guerra. Direção e Produção de Vladimir Carvalho. Brasília: Universidade de Brasília - CPCE, 1991. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDcz3Uw21wI&t=7330s>, acessado 26 nov 2020.

COSTA, Lúcio. **Brasília, cidade que inventei**. Brasília. Arquivo Público do Distrito Federal, 1991.

COSTA, Lucio. **[Correspondência]**. Destinatário: João Goulart. Rio de Janeiro, 20 dez.1961. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/brasil/arquivos>. Acesso em: 10 mar. 2020

LENZI, Leticia. Lewis Mumford: **Uma voz de resistência à civilização Tecnocrática**. Cadernos do PET Filosofia, Vol. 6, n.12, Jul-Dez, 2015, p.25-36

MARIÑELARENA, Patricia Inés María. **Estética Urbana Memoria, arte y significados**. Doctorado en Arte Contemporáneo. Facultad de Bellas Artes - Universidade de La Plata 2019

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes Do Direito À Cidadania À Revolução Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade Na História Suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RANCIERE, Jacques. **Estética e Política A Partilha do Sensível**. São Paulo: 34 Ltda, 2000.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

### **Declaração de Autenticidade**

Eu, Jean Carlo de Oliveira Vieira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Consequências estéticas de políticas marginalizantes na cidade de Taguatinga” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.